

O uso do Soft Power (Poder Suave) pela China em apoio ao seu engajamento estratégico na América Latina

R. EVAN ELLIS, PhD

DRA. KELLY SENTER PIAZZA, PhD, ACADEMIA DA FORÇA AÉREA DOS EUA

MAJ ADAM GREER, USAF

GENERAL (APOSENTADO) DANIEL URIBE, PhD, USAF*

Introdução

A expansão do engajamento e da presença da República Popular da China (RPC) na América Latina e no Caribe capturou a atenção dos líderes políticos e empresariais e do povo da região, bem como dos Estados Unidos da América (EUA). Embora o envolvimento da RPC e o uso do *Soft Power* tenham dimensões políticas, culturais, de segurança e outras, pode-se dizer que a atenção que a RPC atrai na região é impulsionada principalmente pelo ritmo de ascensão da China e pela atração de se beneficiar da China por meio de engajamento e participação nos negócios. Para a América Latina e o Caribe, a ascensão da RPC foi percebida de forma mais direta por meio de sua crescente importância como parceiro de comércio, empréstimos e investimentos na região nas últimas duas décadas. Desde a aceitação da RPC na Organização Mundial do Comércio em 2001, o comércio entre a RPC e a América Latina aumentou 17 vezes, de US\$ 18,5 bilhões em 2002 para US\$ 312 bilhões em 2020.¹

Em termos políticos, além das interações bilaterais regionais regulares, a RPC se engajou com a América Latina principalmente por meio da Comunidade de Estados Latino-Americanos e do Caribe (CELAC) e por meio de praticamente todas as outras instituições multilaterais da região, incluindo o sistema interamericano, onde tem um papel ativo como observador na Organização dos Estados Americanos (OEA) desde 2004. Nas cúpulas ministeriais China-CELAC de 2015, 2018 e 2021, a RPC avançou “planos” plurianuais² detalhando como a RPC aspira levar a cabo a sua relação com a região. O envolvimento da RPC também assume dimensões culturais e informacionais, incluindo a disseminação regional direcionada de mídia e propaganda patrocinadas pelo Estado da RPC; o estabelecimento de 44

*As opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a política ou posição oficial da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos, da Força Aérea, do Departamento de Defesa ou do Governo dos Estados Unidos. PA #: USAFA-DF-2022-445

Institutos Confúcio regionais para o ensino da língua e cultura chinesas da RPC; várias formas de engajamento “pessoa a pessoa”, incluindo bolsas de estudo patrocinadas pelo Estado que facilitam o estudo na China e intercâmbios estratégicos de “especialistas”; a promoção de viagens de políticos, jornalistas, acadêmicos e outros da América Latina para visitar a China; e outras formas de engajamento estratégico. No campo da segurança, embora a RPC tenha procedido com cautela, aproveitou o interesse da América Latina em se envolver com a China, derivado de seu crescente poder e atividades econômicas com a região, bem como das crescentes capacidades e alcance do Povo Exército de Libertação (EPL).

Neste artigo, exploramos como a RPC usou sua versão de *Soft Power* para promover objetivos estratégicos na América Latina, até que ponto os esforços da China se mostraram eficazes e as implicações para as forças armadas dos EUA e suas interações com nações parceiras na região.

Objetivos da RPC na América Latina

Os objetivos da RPC na América Latina apoiam os objetivos mais amplos do Partido Comunista Chinês (PCC) e da RPC de alcançar o rejuvenescimento nacional em busca do discurso “sonho da China” de seu presidente Xi Jinping³ de um estado rico, poderoso e seguro interna e externamente. Na América Latina, as metas incluem garantir o acesso a matérias-primas, produtos e mercados úteis para a economia chinesa, ao mesmo tempo em que alavancam suas empresas estatais e outras empresas para capturar o máximo de valor agregado possível. Também incluiu alcançar o domínio da RPC em tecnologias estratégicas e isolar ainda mais Taiwan para apoiar a meta do PCC de “reunificar” Taiwan sob a RPC nos próximos anos.⁴ A RPC tem trabalhado para garantir que os governos latino-americanos fiquem do seu lado em questões “centrais”, incluindo as reivindicações territoriais de Taiwan, Xinjiang, Hong Kong, Tibete, as declarações territoriais da RPC nos mares do Sul e Leste da China e outras questões. Na América Latina, a RPC busca acesso privilegiado para suas empresas e funcionários, bem como proteção contra expropriação e outras ações legais.

Entendendo o Soft Power da China e sua evolução

O PCC tem buscado cada vez mais o *Soft Power* para promover os objetivos políticos, econômicos e de segurança internacionais da RPC. Até certo ponto, o *Soft Power* continua um conceito ambíguo na RPC, cujo significado, limites e uso permanecem obscuros, tanto para os atores da RPC que empregam *Soft Power* quanto para aqueles que são afetados e que o observam.

Uma noção inicial de *Soft Power*, embora esse termo não seja usado explicitamente, esteve no centro da identidade e do conceito de relações internacionais da China. Desde o início de sua história, a grandeza da civilização, cultura e poder da China eram vistos como importantes para motivar os povos vizinhos e seus líderes a cooperar e negociar com a China, em vez de se organizar contra a China. Os rituais de recepção seletiva de estrangeiros na “cidade proibida” foram estruturados em torno do conceito de transmitir admiração e reverência pelo poder e majestade da China. Na concepção chinesa de sua história, mesmo a conquista da China pelos invasores mongóis foi um exemplo do *Soft Power* da China, na medida em que os conquistadores acabaram assimilando e sendo transformados pela cultura que encontraram na China. Organizações modernas, como a organização de promoção cultural da RPC Hanban, são moldadas por esse autoconceito historicamente arraigado de que o poder da cultura chinesa terá um efeito favorável e transformador naqueles que se familiarizarem com ela.

As formulações modernas do *Soft Power* da RPC evoluíram ao longo de linhas culturais e históricas semelhantes. Sem dúvida, a dramática ascensão econômica da China produziu uma forma de “atração” de *Soft Power* dentro da comunidade internacional, especialmente entre aqueles que desejam imitar o desenvolvimento econômico da China ou lucrar com seu crescimento. Deixando de lado o desenvolvimento econômico, no entanto, a versão (e *visão*) do *Soft Power* da RPC difere marcadamente do contexto do qual o conceito foi originalmente derivado, onde o *Soft Power* é um subproduto dos valores democráticos liberais.

O conceito moderno de *Soft Power* apareceu pela primeira vez na política externa da RPC e no pensamento acadêmico logo após Joseph Nye introduzir o conceito em 1990.⁵ No entanto, levou mais de quinze anos para o presidente Hu Jintao canonizar o conceito: pela primeira vez numa reunião do Grupo de Liderança dos Negócios Estrangeiros Centrais em Janeiro de 2006, onde vinculou a influência internacional ao *Soft Power*, depois em um discurso de maio de 2006 ao ELP, onde ele ordenou um estudo militar abrangente sobre o assunto. O mais importante, porém, seria o 17º Congresso Nacional em 2007, onde Hu pediu um esforço de todo o Partido e de todo o país para aumentar o *Soft Power* da China.⁶ Os efeitos cumulativos desses apelos à ação produziram um frenesi de esforços do PCC, PLA e RPC para estudar, sinicizar e, finalmente, implantar o *Soft Power* na busca dos objetivos do PCC, tanto nacional quanto internacionalmente. Para apoiar os esforços no exterior, por exemplo, o número de Institutos Confúcio quase quadruplicou de pouco mais de 100 em 2006 para mais de 400 em 2012.⁷

No entanto, sem o *Soft Power* que naturalmente acompanha as políticas liberais, os líderes do PCC procuraram cooptar o termo e transformá-lo em uma ferramenta de política externa e doméstica mais normativa. Sob Hu, o conceito oficial

de *Soft Power* da RPC se dividiu em vários conceitos, às vezes desconectados. O *Soft Power* muitas vezes não foi mencionado como o oposto teórico do poder forte, mas sim como um descritor para julgar a força intangível das instituições da RPC. “Boa disciplina”, por exemplo, era o *Soft Power* das tropas do Exército de Libertação Popular (PLA) que garantiria sua vitória na batalha,⁸ e o *Soft Power* da cultura chinesa que forneceria “forte apoio” para um governo eficaz e “profunda motivação” para avançar o desenvolvimento.⁹

No início do 18º Congresso do Partido em 2012 e no primeiro mandato do presidente Xi Jinping, vários braços do Partido e do governo estiveram envolvidos em iniciativas para promover o *Soft Power* da RPC em casa e no exterior. Depois de assumir o poder, Xi dobrou a abordagem já determinada de Hu para promover o *Soft Power* da RPC. Em dezembro de 2013, Xi liderou uma importante reunião do grupo de estudo da liderança sênior do PCC, na qual ele formalmente vinculou que “melhorar o *Soft Power* do país” é crucial para o “grande rejuvenescimento da nação chinesa”, o objetivo político geral da RPC e da PCC.¹⁰ A distinção serviu para formalizar ainda mais o *Soft Power* como uma ferramenta prescritiva da política interna e externa, uma forma de “trabalho político” do PCC que é cultivado internamente e implementado externamente em apoio aos objetivos políticos do PCC. Além de “orientar o povo chinês a estabelecer e aderir à visão correta da história”, Xi apresentou instruções políticas para consolidar e aprofundar o *Soft Power* cultural da China em torno do marxismo e do socialismo, reformular a versão do PCC da cultura chinesa e projetar o *Soft Power* da China para o mundo exterior através de um “sistema de discurso estrangeiro” e “esforços de propaganda positiva”.¹¹

Talvez não surpreendentemente, dada sua orientação de 2013, à medida que o mandato de Xi progredia, ficou claro que a manifestação do *Soft Power* da RPC sob Xi divergiu drasticamente do conceito original de Nye. Para Nye, o *Soft Power* era o subproduto natural dos valores liberais.¹² Pessoas expostas a aspectos do sistema norte-americano e sua cultura, como seu conceito de democracia ou livre mercado, por meio da mídia, a educação, a residência nos EUA e/ou o estudo em suas instituições, internalizam esses valores como desejáveis para seus próprios países e assim agem para impactar seu próprio sistema de forma favorável aos Estados Unidos.

Ao contrário, enquanto o desenvolvimento econômico maciço da RPC cultivava o *Soft Power* entre os países em desenvolvimento e os investidores de *Wall Street*, o PCC de Xi embarcou em campanhas deliberadas para fabricar o *Soft Power* patrocinado pelo Estado para influenciar as percepções internacionais da China, abrindo novas oportunidades para a RPC e o PCC e prolongando a “janela estratégica de oportunidade” da China contra a reversão da ordem internacional estabelecida. Programas de divulgação, como os Institutos Confúcio, continuaram a se multiplicar, e a RPC avançou com outros esforços, incluindo o desenvolvi-

mento de meios de comunicação no exterior, o envolvimento de diásporas étnicas chinesas e o avanço de programas de engajamento destinados a influenciar os líderes chineses.

Embora esses tipos de iniciativas de *Soft Power* da RPC provavelmente tenham sido bem-sucedidas até certo ponto em facilitar mais engajamento político, a marca única de autoritarismo da RPC, quando projetada no exterior, criou seu próprio subproduto de *Soft Power*. Quando a cultura da RPC não consegue persuadir através da “atração”, a RPC pune cada vez mais duramente os interlocutores por divergirem das preferências do PCC, um fenômeno conhecido como “diplomacia do guerreiro lobo” ou “diplomacia coercitiva”. O Instituto Australiano de Política Estratégica (*Australian Strategic Policy Institute* - ASPI) rastreou menos de 20 desses casos em 2016, mas em 2019 casos que ASPI rotulou eventos “coercitivos” triplicaram para 60.¹³ Os casos variam de ameaças emitidas pelo estado, restrições de negócios ou cancelamentos de negócios e às vezes até eventos de chantagem, detenções arbitrárias ou proibições de saída da China.

Embora Xi tenha abordado a tendência do guerreiro lobo da China durante uma reunião de alto nível do PCC em maio de 2021, pedindo que a China seja mais “amável” para o resto do mundo,¹⁴ as principais ordens de Xi eram que o PCC e a RPC redobrassem os esforços para fortalecer os sistemas de propaganda estrangeira, expandir os intercâmbios produtivos entre pessoas e dominar a ciência do discurso estrangeiro e da comunicação internacional para promover os interesses da RPC. Além disso, em vez de abordar os comportamentos falhos da RPC, Xi se gabou de ter criado um “sistema de propaganda interna e externa” bem-sucedido, um “grupo de mídia internacionalmente influente” e “orientado” com sucesso a opinião pública internacional a favor da China.¹⁵ Ele ressaltou que, com o novo “padrão de publicidade tridimensional em grande escala de várias edições” da RPC, “o poder e a influência do discurso internacional da China foram significativamente aprimorados”.

Esses tipos de iniciativas de *Soft Power* do PCC, embora ainda em estágios de formação, são amplamente observáveis na América Latina, onde a RPC concebe o *Soft Power* como importante para os objetivos da RPC. O sucesso econômico da China nas últimas quatro décadas, sua capacidade de manter a ordem social e, mais recentemente, sua capacidade de resistir às primeiras ondas da pandemia de Covid-19 de 2020 a 2022 moldaram o pensamento das pessoas e dos legisladores latino-americanos.

Para a RPC, o processo de “moldar” o comportamento estrangeiro difere fundamentalmente da abordagem liberal dos EUA, que se baseia na afinidade com os valores, a cultura e as instituições dos EUA para facilitar condições favoráveis aos interesses dos EUA. Em contraste, para a RPC, talvez o mecanismo de *Soft Power*

mais poderoso seja a expectativa de benefício para as nações, empresas e indivíduos que se envolvem com a RPC. Esta expectativa transaccional baseia-se na atratividade do potencial para acesso aos mercados da RPC, acesso a produtos da RPC e acesso a empresas, bancos e outras fontes de recursos da RPC.¹⁶

A atração pelo acesso aos mercados da RPC é substancial. Os 1,4 bilhão de habitantes da China, com sua crescente prosperidade e entrada na classe média, representam, embora às vezes apenas em abstrato, um mercado atraente para políticos, empresas e empresários latino-americanos. Dizem que o magnata equatoriano da banana Segundo Wong brincou que se cada pessoa na China comesse uma banana equatoriana uma vez por semana, o Equador se tornaria um país fabulosamente rico.

Além da atratividade do mercado, a RPC, suas empresas e instituições comerciais também representam uma importante fonte de empréstimos e investimentos para os governos latino-americanos. A reputação da RPC de práticas incondicionais de direitos políticos e humanos, nível de transparência ou outras práticas fiscais de recursos da RPC é muitas vezes particularmente atraente para governos populistas autoritários que buscam diversificar e não depender de governos ocidentais. Em junho de 2021, por exemplo, o governo de Trinidad e Tobago anunciou que tomaria um empréstimo de um banco chinês em vez do Fundo Monetário Internacional (FMI), embora a taxa de juros chinesa fosse o dobro da do FMI, simplesmente para evitar a condicionalidade política do FMI.¹⁷

Para os políticos latino-americanos, os benefícios colaterais também podem ser um poderoso motivador. Em geral, as empresas da RPC podem estar mais dispostas a oferecer subornos ou criar contratos comerciais que beneficiem pessoalmente os destinatários. No Equador, por exemplo, o jornalista investigativo Fernando Villavicencio documentou como os contratos de empréstimo de petróleo da RPC e outros projetos importantes beneficiaram associados próximos do populista de esquerda e então presidente Rafael Correa.¹⁸

A estratégia Um Cinturão Uma Rota (*One Belt One Road* - OBOR)¹⁹ é talvez um dos exemplos mais poderosos de como os estados e os formuladores de políticas esperam benefícios da cooperação com a RPC. Embora as obrigações e os benefícios da participação permaneçam ambíguos, a adesão ao OBOR parece criar alguma expectativa de que os países participantes serão capazes de alcançar uma maior participação em projetos de infraestrutura pública financiados pela RPC. Desde que o OBOR foi estendido para a América Latina em 2013, 20 estados latino-americanos e caribenhos aderiram oficialmente, com a entrada da Argentina em 2022.

Com todos os benefícios esperados, tanto na China quanto em contextos locais, a reputação do RPC e suas empresas ligando negócios a cooperação ao comporta-

mento do parceiro em outras áreas aumenta o efeito de *Soft Power* do negócio, real ou imaginário. A reputação do governo chinês de “vingatividade” sutil, mas dura, contribui para esse efeito. Exemplos incluem quando a RPC suspendeu as compras da Austrália, por seu papel em questionar as origens chinesas do Covid-19,²⁰ ou suas compras de óleo de soja argentino em 2010 para punir medidas protecionistas contra produtos chineses pelo Congresso.²¹ Esses comportamentos, embora aparentemente contraproducentes para os esforços da RPC para cultivar o apelo do *Soft Power*, na verdade servem poderosamente aos interesses da RPC ao condicionar os alvos a pensar sobre as consequências de agir contrariamente às preferências percebidas da RPC(ou do PCC).

Como resultado dessa tática, empresas e empresários de governos latino-americanos geralmente percebem que falar muito criticamente sobre direitos humanos ou outras práticas governamentais chinesas, referindo-se a Taiwan como um país independente ou criticando as deficiências ambientais, sociais e de governança de Taiwan, empresas sediadas em a RPC, podem pôr em risco uma relação existente ou futura da qual esperam beneficiar. Em junho de 2021, por exemplo, o governo da Guiana revogou abruptamente um compromisso público de abrir um escritório comercial com o Taiwan, presumidamente em resposta à forte pressão da RPC no contexto do papel importante das empresas chinesas como investidores e atores econômicos no país.²²

Um aspecto importante da “esperança de benefícios” como veículo para o *Soft Power* da China é que os partidos coexistem com a desconfiança da RPC mais facilmente do que as fontes mais orientadas para afinidade dessa influência. Especificamente, os líderes políticos latino-americanos que cortejam a RPC muitas vezes estão cientes da reputação da RPC e de suas empresas como parceiras difíceis, até mesmo predatórias. No entanto, as empresas continuam a optar por entrar em interações comerciais com suas contrapartes baseadas na RPC, mesmo com a expectativa de que tentarão roubar ou tirar proveito de sua propriedade intelectual. A expectativa de benefícios, legítimos ou não, e a crença de que as empresas podem se proteger suficientemente, muitas vezes superam as preocupações de lidar com comportamentos malignos da RPC.

Instrumentos de Soft Power da RPC

Sob os presidentes Hu Jintao e depois Xi Jinping, a fixação da RPC no *Soft Power* como uma ferramenta operacional de política externa floresceu e, entre 2006 e 2022, dezenas de livros e artigos influentes da RPC foram publicados sobre o tópico. No entanto, as políticas que manifestam claramente o *Soft Power* da RPC na América Latina provavelmente ainda estão em estágios relativamente iniciais, embora geralmente incluam institutos Confúcio, engajamentos pessoais,

divulgação da mídia, diplomacia pública de alto nível e atividades políticas das empresas da RPC em geral, de acordo com as ordens de Xi Jinping de 2022 para “fortalecer e melhorar o trabalho de comunicação internacional”.²³

Institutos Confúcio

A RPC estabeleceu 44 Institutos Confúcio na América Latina e no Caribe, bem como 18 Salas de Aula Confúcio afiliadas,²⁴ para o estudo oficialmente sancionado da língua e cultura chinesas (em junho de 2021 o nome mudou para “Centros de Cooperação no Ensino da Língua Chinesa”). A maioria está instalada nas principais universidades públicas da região, embora os exemplos da Universidad Jorge Tadeo Lozano em Bogotá e do Instituto Tecnológico de Santo Domingo (INTEC), na República Dominicana, sugiram que os Institutos Confúcio também podem ser estabelecidos em instituições privadas, onde a política universitária local e outras considerações tornam a opção mais apropriada.²⁵

Embora os Institutos Confúcio tenham sido vistos nos EUA como centros de propaganda e espionagem do governo, no contexto latino-americano, com oportunidades limitadas para estudar chinês, os institutos desempenham um papel estratégico mais importante como porta de entrada no sistema do governo chinês para estudantes com interesse, aptidão e disciplina para dominar o mandarim (a difícil língua oficial chinesa) e o conjunto de caracteres chineses. Embora a controvérsia sobre os Institutos Confúcio tenha levado à reestruturação da relação entre os institutos e a Organização de Promoção Cultural Hanban,²⁶ os institutos orientam os alunos com interesse, aptidão e disciplina para as bolsas Hanban concedidas pelo governo da RPC para estudos de graduação e pós-graduação e outras oportunidades acadêmicas na China, onde podem não apenas receber uma orientação positiva para a RPC, mas também serem avaliadas e comprometidas para posterior recrutamento pela inteligência da RPC. No Plano China-CELAC 2019-2021, a RPC comprometeu-se a conceder 6.000 bolsas deste tipo para a região.²⁷ No plano 2022-2024, comprometeu mais 5.000 bolsas, além de mais 3.000 “lugares de formação”, além do programa “1.000 talentos”.²⁸ Através dessas bolsas para estudar na RPC, uma parte importante do número limitado de diplomatas e empresários orientados para a China na América Latina e no Caribe que representam os interesses de seus países e empresas junto à RPC, ingressa nesse serviço devendo seu conhecimento lucrativo e qualificações ao governo chinês.

Diplomacia

A diplomacia de pessoas para pessoas é regularmente mencionada na mídia chinesa,²⁹ e foi destacada pela primeira vez como importante por Xi Jinping em seus

“Pensamentos sobre a diplomacia” no 18º Congresso Nacional do Partido Comunista da China no final de 2012. Xi posteriormente emitiu instruções políticas de alto nível promovendo o intercâmbio entre pessoas, mais recentemente em maio de 2021, durante uma sessão de estudo político de alto nível.³⁰ No entanto, esses tipos de trocas “pessoas a pessoas” geralmente se materializam contra as expectativas liberais e geralmente são limitados a “especialistas de alto nível”, políticos, empresários influentes ou outros canais de influência da RPC.

Além das bolsas de estudo para estudantes latino-americanos e caribenhos mencionadas acima, a RPC investe significativamente em trazer uma ampla gama de outros da região para atrair, influenciar e potencialmente recrutar parceiros. Estes incluem viagens de figuras políticas e partidários através da Divisão de Ligação Internacional (ILD) do PCC. Entre 2002 e 2017, o ILD realizou 300 reuniões com representantes de 74 partidos em 26 países latino-americanos, incluindo muitos que foram trazidos para a RPC.³¹ Na própria América Latina, o ILD também coordena redes de “amigos da China”, empresários e políticos de alto nível que podem influenciar seus governos em assuntos de interesse da RPC, ao mesmo tempo em que se beneficiam das oportunidades que tais laços fornecem à China.

Alcance da mídia

A RPC persegue seus objetivos no espaço de mídia tradicional e social de várias maneiras cada vez mais sofisticadas. Mais abertamente, produz seu próprio material através de formatos como a agência de mídia oficial *Xinhua* e *China Global Television Network* (CGTN), bem como através do *China Daily*. Também compra suplementos publicitários lucrativos em vários periódicos regionais. Esses suplementos têm uma aparência jornalística de alta qualidade, o que permite que a divulgação de informações a serviço do governo da RPC seja deturpada e menos criticamente recebida como jornalismo regular pelo público latino-americano. Os pagamentos por esses suplementos, mesmo em periódicos de prestígio como *La Tercera*, também criam um poderoso incentivo para que as organizações de notícias lucrativas não se tornem excessivamente críticas à RPC em outras áreas, para que não percam seus patronos chineses. Além disso, os meios de comunicação da RPC, como a CGTN, geralmente fornecem imagens, vídeos e transmissões de áudio gratuitos para os meios de comunicação da região. Devido em parte aos orçamentos limitados dos meios de comunicação latino-americanos e à dificuldade de obter material semelhante por conta própria dentro da RPC, os meios de comunicação latino-americanos geralmente aceitam e usam a mídia, sem reconhecer que as decisões tomadas pelo governo da RPC na produção das imagens têm efeitos de propaganda. Isso inclui retratar líderes e instituições chinesas de

maneira consistentemente digna e mostrar imagens da RPC limpas, ordenadas e livres de protestos.

Diplomacia pública de alto nível

Nos últimos anos, o corpo diplomático chinês na América Latina tornou-se cada vez mais hábil em representar a posição de seu país, operando no idioma local e falando com confiança em defesa das posições da China, em contraste com a postura mais reservada de um geração anterior de diplomatas da RPC. Desde 2019, os diplomatas chineses tornaram-se visivelmente mais francos e sofisticados no uso de mídias sociais como o Twitter. Um estudo da Fundação Andrés Bello sobre o uso do Twitter por diplomatas chineses na América Latina constatou que o número total de seus tweets cresceu de 863 em dezembro de 2019 para 5.018 em maio de 2020, com 11 das 29 contas examinadas.³² O estudo também destacou um caráter desigual para as redes sociais chinesas. Dos *tweets* examinados, a grande maioria foi gerada por três diplomatas chineses: o embaixador da RPC na Venezuela, Lǐ Bǎoróng, o embaixador da RPC na República Dominicana, Zhāng Rùn, e o embaixador da RPC no Panamá, Wei Qiang. Da mesma forma, em relação ao conteúdo, diplomatas chineses selecionados como “lobo guerreiro” como Lǐ Bǎoróng na Venezuela têm sido particularmente francos em defesa dos interesses da RPC e das posições e atividades anti-EUA de seus anfitriões.

Uma área em que a diplomacia chinesa foi particularmente ativa em 2021 é a diplomacia médica relacionada à pandemia. Inicialmente, a diplomacia relacionada ao Covid-19 era principalmente de natureza defensiva e voltada para percepções sobre o papel da China no início da pandemia em Wuhan. Com o tempo, o governo da RPC, juntamente com as principais empresas chinesas com negócios na América Latina, como Huawei e Alibaba, começaram a doar ou vender produtos médicos, incluindo máscaras e outros equipamentos de proteção individual, termômetros e câmeras de imagem térmica, kits de teste e eventualmente vacinas.

As vacinas eram particularmente necessárias na região nos primeiros dias da pandemia, com quantidades significativas de vacinas ocidentais, como as da Pfizer, Johnson e Johnson e Moderna ausentes da região. Em um contexto em que as alternativas ocidentais muito necessárias eram escassas na América Latina, os diplomatas da RPC frequentemente entregavam as vacinas em eventos de mídia de alto nível; o embaixador chinês e o presidente do país destinatário receberam as vacinas no aeroporto, com uma cobertura significativa da mídia quando caixas com bandeiras chinesas foram descarregadas do avião.³³ Os chineses também procuraram explorar a necessidade de suas vacinas para outros ganhos, como fazer com que o Brasil e a República Dominicana reconsiderassem decisões anteriores de excluir a empresa de telecomunicações Huawei dos leilões de espectro 5G em

seus respectivos países.³⁴ A China também usou a atração do acesso acelerado a vacinas para tentar convencer o Paraguai a mudar seu reconhecimento diplomático de Taiwan para a RPC.³⁵ Com o tempo, no entanto, o impacto do *Soft Power* das vacinas chinesas diminuiu, à medida que surgiram mais informações sobre sua eficácia relativamente baixa. De fato, 46% dos latino-americanos pesquisados no final de 2020 disseram que não receberiam uma vacina chinesa.³⁶

Mais amplamente, diplomatas da RPC, incluindo membros do Ministério das Relações Exteriores da RPC e outras organizações do governo chinês, mudaram sua mensagem para questionar cada vez mais rivais como os EUA como defensores da democracia e exemplos do sistema democrático, particularmente no lugar da invasão do Capitólio dos EUA por manifestantes em Washington DC em 6 de janeiro de 2020.³⁷ Ao fazer isso, eles começaram a questionar seriamente um pilar do *Soft Power* e influência dos EUA que remonta à Guerra Fria e até à Primeira e Segunda Guerras Mundiais: o conceito em termos gerais, embora informalmente entendido nos EUA e na comunidade internacional, de que os EUA representavam “democracia”, em contraste com seus rivais que representavam “autoritarismo”, seja comunista, socialista, fascista ou outro.

Embora a RPC tenha trabalhado por um lado para minar a legitimidade dos EUA como representante e defensor da “democracia” como um sistema saudável de governo, a RPC também tem se tornado cada vez mais franca sobre as conquistas do sistema chinês, incluindo sua cultura e conquistas econômicas, seus sucessos contra o Covid-19 e os Jogos Olímpicos de Pequim 2021.³⁸ Diplomatas da RPC e outros porta-vozes também foram mais agressivos ao rejeitar a legitimidade da defesa dos EUA por um tipo particular de democracia, sugerindo que isso é “divisivo” e que todos os tipos de “democracia” são legítimos. No processo, a mensagem chinesa não apenas atua como um contraponto àqueles que questionam as ações da RPC, como seu controle sobre sua população e ciberespaço, e sua repressão em Hong Kong, Xinjiang e outros lugares. Indiretamente, este apelo tem vários benefícios de *Soft Power* para a RPC. Na medida em que as contradições no discurso da RPC não se tornam elementos de foco, aumenta o valor da China e sua mensagem para regimes populistas autoritários aliados que superficialmente se autodenominam “democracias”, incluindo os de Nicolás Maduro na Venezuela e Daniel Ortega na Nicarágua, sem converter abertamente a RPC em defensora de governos não democráticos. Para a geração de latino-americanos que amadureceu após as lutas ideológicas da Guerra Fria, a China está liderando uma reforma perigosamente atraente da democracia, tornando mais fácil para os latino-americanos frustrados com o desempenho dos governos democráticos tradicionais aceitarem as ações de seus líderes que violam seus princípios fundamentais em nome do progresso econômico, segurança e ordem esperados.

Apesar do fascínio e do perigo da nova diplomacia da RPC, ela também foi acompanhada de dificuldades. Isso criou uma reação entre aqueles que consideram ofensiva a arrogância implícita na nova postura da China. De fato, a relativa falta de experiência da RPC com a mídia aberta e sua crescente autoconfiança provavelmente a tornam mais vulnerável ao envio inadvertida de mensagens que certos grupos da região consideram ofensivas.

Avaliações latino-americanas da China e a utilidade dos instrumentos de Soft Power

Embora as crescentes incursões da China na região latino-americana estejam bem documentadas, não se compreende bem até que ponto os esforços da China se mostraram eficazes em aumentar seu *Soft Power* na opinião pública. Os dados das ondas de 2014 e 2021 do Projeto de Opinião Pública da América Latina (LAPOP) fornecem alguns insights preliminares sobre esse tema. Mais especificamente, esses dados lançam luz sobre as avaliações dos latino-americanos sobre a governança da China e a influência política e econômica chinesa na região latino-americana em 2014 e 2021, de forma independente e ao longo do tempo. Abaixo, representamos e descrevemos visualmente algumas das principais conclusões desses dados sobre o crescente *Soft Power* da China na América Latina.

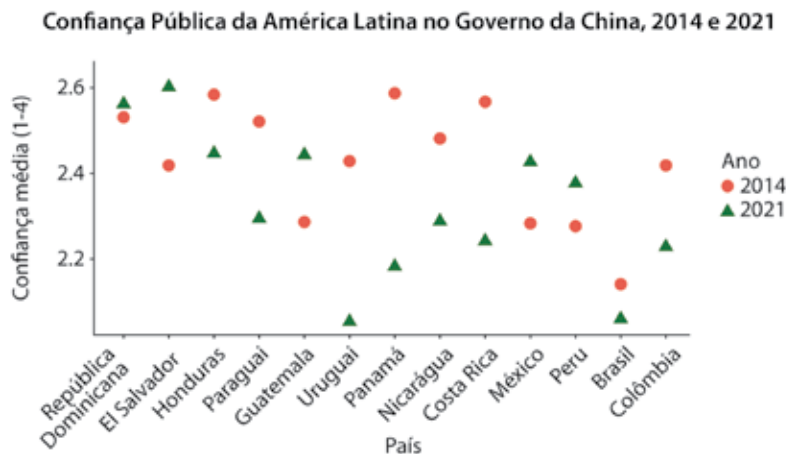


Figura 1: Confiância pública da América Latina no governo da China 2014 e 2021

Fonte: Autores

As Figuras 1 e 2 mostram a confiança do público latino-americano no governo da China e as avaliações latino-americanas da influência política, econômica e geral da China na região, respectivamente.

De acordo com a pesquisa da Universidade Vanderbilt descrita acima, ambos mostram um declínio notável nas atitudes latino-americanas em relação à China ao longo do período 2014-2021, com variações entre os países. Sobre a confiança do público latino-americano no governo chinês,³⁹ a Figura 1 mostra que a confiança é mais alta entre os entrevistados da República Dominicana (2,53 em 2014 e 2,56 em 2021 em uma escala de 1 a 4) e mais baixa entre os entrevistados do Brasil (2,13 e 2,05 em 2021 em uma escala de 1 a 4), com mudanças mínimas de atitude nesses países ao longo do período de sete anos. Dos outros onze países onde esta questão foi listada, sete (Honduras, Paraguai, Costa Rica, Nicarágua, Panamá, Colômbia, Uruguai e Brasil) tiveram queda na confiança e quatro (El Salvador, Guatemala, México e Peru) tiveram um aumento em confiança durante o período 2014-2021. Em média, a confiança regional na China diminuiu de 2,42 para 2,32 (uma diferença de 0,10) em uma escala de 1 a 4 ao longo dos sete anos. Isso significa que, com o tempo, a confiança regional no governo chinês se deteriorou marginalmente. Interpretamos isso como indicação de que as iniciativas chinesas para incluir o envolvimento com as instituições multilaterais da região e as viagens de figuras partidárias e políticas pela DRA do PCC ficaram aquém de seus objetivos de *Soft Power*, especialmente entre os países mais poderosos do mundo.

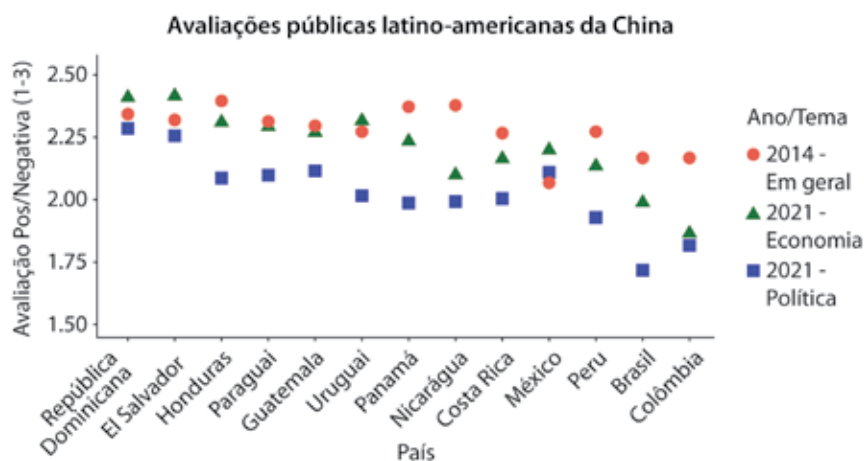


Figura 2: Avaliações públicas latinoamericanas da China (2014 e 2021)

Fonte: Autores

A Figura 2 mostra uma trajetória descendente semelhante no *Soft Power* chinês na região da América Latina. Especificamente, as avaliações de 2021 dos latino-americanos sobre a influência econômica e política da China em seus países de origem diminuíram em quase todos os domínios em comparação com suas ava-

liações gerais de 2014 sobre a influência da China.⁴⁰ O único país que avaliou a China de forma mais positiva em termos de influência econômica e política em 2021 em comparação com sua influência geral em 2014 foi o México (onde a influência geral em 2014 foi de 2,07 e a influência política e econômica de 2021 foi de 2,1 e 2,2, respectivamente, numa escala de 1 a 4). Em todos os outros países, as avaliações da influência política da China em 2021 foram notavelmente mais pobres do que as avaliações da influência geral da China em 2014. Essa observação é especialmente pronunciada para o Brasil, onde as avaliações de influência (geral em 2014 e política em 2021) diminuíram 0,45 em um escala de 1-4. Em nove países da América Latina, as avaliações da influência econômica da China em 2021 foram notavelmente piores do que as avaliações da influência geral da China em 2014. No entanto, em quatro países (República Dominicana, El Salvador, México e Uruguai), as percepções da influência econômica da China foram maiores em 2021 em comparação com as percepções da influência geral da China em 2014. Avaliações mais positivas da China ao longo do tempo tendem a ser a exceção, embora não a norma.

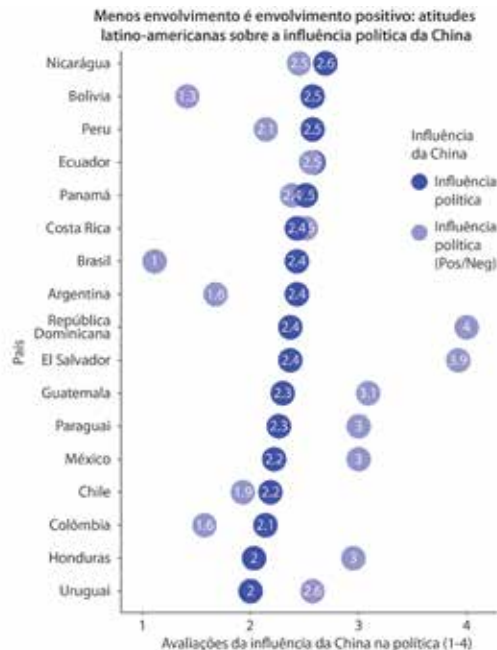


Figura 3: Menos envolvimento é envolvimento positivo: atitudes latinoamericanas sobre a influência política da China

Fonte: Autores

No geral, com base nas métricas disponíveis, o *Soft Power* chinês parece ter se deteriorado, embora marginalmente, ao longo do período de sete anos conside-

rado. Interpretamos isso como uma evidência preliminar de que as relações econômicas cada vez mais íntimas entre a China e os países latino-americanos não estão se traduzindo em aumentos proporcionais do *Soft Power* chinês e/ou que os muitos instrumentos de *Soft Power* que a China trabalhou para desenvolver nos últimos anos ainda não produziram os resultados desejados.



Figura 4: Avaliações gerais: Atitudes da América Latina sobre a influência econômica da China

Fonte: Autores

As Figuras 3 e 4 expandem a Figura 2 e avaliam se uma influência percebida mais alta produz percepções mais positivas dessa influência em 2021 (os dados mais recentes e matizados registrados). A Figura 3 avalia a influência política⁴¹ e a Figura 4 avalia a influência econômica.⁴² A Figura 3 mostra as percepções dos latino-americanos sobre a influência chinesa na política de seus países de origem e as avaliações se essa influência percebida é positiva ou negativa, ambas em uma escala de 1 a 4.

Em geral, sugere que os países com os públicos que percebem menos influência política chinesa em suas sociedades são mais propensos a perceber a influência política chinesa como positiva do que países com públicos que percebem mais influência política chinesa em suas sociedades. Como ilustração, a pontuação média de influência positiva/negativa (em uma escala de 1 a 4) em oito países latino-americanos com as percepções mais altas da influência política chinesa é de 1,98

e a pontuação média de influência positiva/negativa (em uma escala de 1 a 4) em sete países latino-americanos com as percepções mais baixas da influência política chinesa é de 2,89. Interpretamos este resultado como curioso e como um sinal de que pode haver um “*sweet spot*” (ponto ideal) de influência política chinesa que gera boa vontade em relação à China, mas, uma vez superado, prejudica o retorno do investimento.

A Figura 4 mostra as percepções dos latino-americanos sobre a influência chinesa na economia de seus países de origem e as avaliações se essa influência percebida é positiva ou negativa, ambas em uma escala de 1 a 4. A narrativa que emerge da Figura 4 é distinta daquela associada à Figura 3. Especificamente, diferentemente do domínio da política, não parece haver um padrão claro e forte entre a influência percebida e a natureza positiva ou negativa dessa influência.

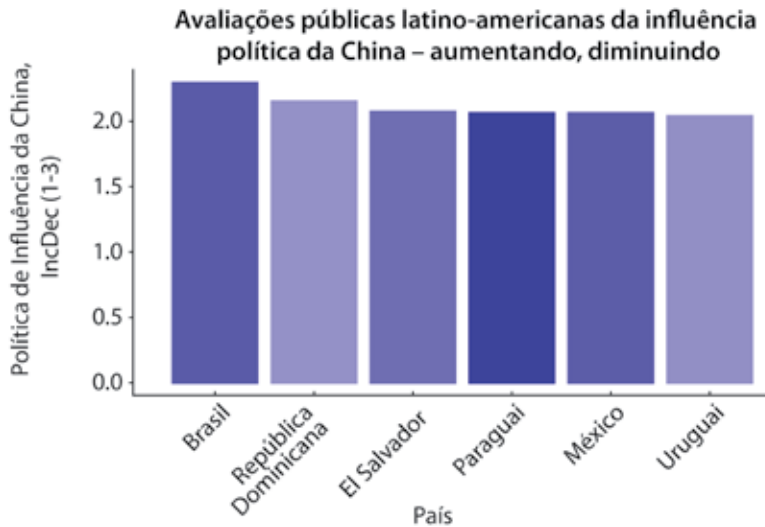


Figura 5: Avaliações públicas latino-americanas da influência da política da China – Crescente, Decrescente

Fonte: Autores

Finalmente, as Figuras 5 e 6 fornecem informações, de países selecionados, sobre tendências muito recentes em torno da influência política e econômica da China. Especificamente, esses números relatam respostas a perguntas sobre até que ponto a influência chinesa aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma nos 12 meses anteriores.⁴³ A Figura 5 relata que os latino-americanos (em todos os seis países em que a pesquisa foi listada) percebem que a influência chinesa aumentou marginalmente recentemente. Os brasileiros relatam ter experimentado o maior aumento na influência política chinesa em sua política doméstica nos últimos anos (2,29 em uma escala de 1 a 3) e os uruguaios relatam o menor aumento

na influência política chinesa em sua política doméstica nos últimos anos. 2,04 em uma escala de 1 a 3).

A Figura 6 relata que os latino-americanos percebem que a influência econômica chinesa aumentou recentemente em todos os países, exceto no Paraguai. Os brasileiros relatam ter experimentado o maior aumento da influência econômica chinesa em sua economia nacional nos últimos anos (2,37 em uma escala de 1 a 3) e os uruguaios relatam o menor aumento na influência política chinesa em sua política nacional nos últimos anos (2,-2 em uma escala de 1 a 3). Os paraguaios são os únicos latino-americanos a relatar uma diminuição da influência econômica chinesa em sua economia nacional nos últimos anos (1,98 em uma escala de 1 a 3).

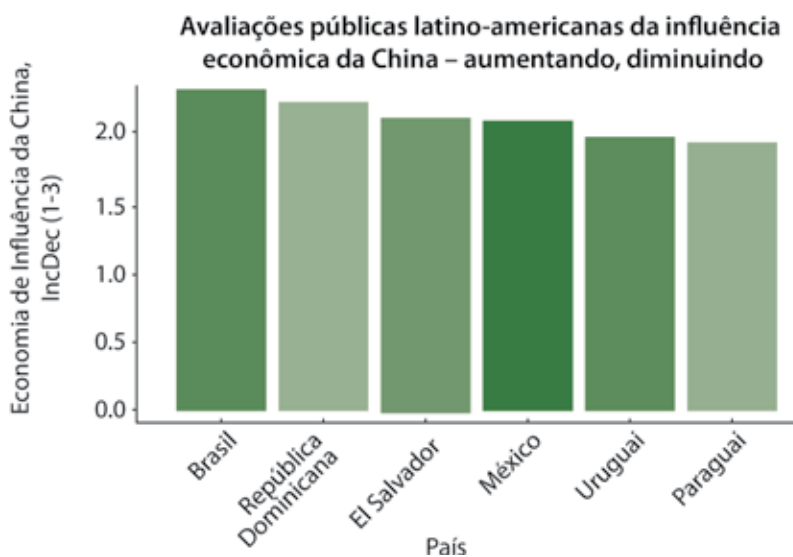


Figura 6: Avaliações públicas latino-americanas da influência econômica da China: Crescente, Decrescente

Fonte: Autores

Da mesma forma, pesquisas mostram que muitos latino-americanos veem as empresas chinesas e o governo da RPC com desconfiança. Uma pesquisa de 2021 da Vanderbilt University com 56.000 pessoas em toda a América Latina descobriu que 47% dos entrevistados caracterizaram o governo da RPC como não confiável ou não confiável (em comparação, 45% dos entrevistados viam os EUA com muita desconfiança). Menos de 12% caracterizaram o RPC como “muito confiável”.⁴⁴ No entanto, como mencionado acima, apesar de tanta desconfiança, os latino-americanos continuam a ver a RPC e suas empresas como uma fonte de oportunidades.

Em resumo, esta exploração dos dados da opinião pública produz vários *insights*: Primeiro, apesar dos numerosos instrumentos econômicos e de *Soft Power* que a China aproveitou na região nos últimos anos, as atitudes do público latino-americano em geral em relação à China estão se tornando mais negativas, no geral. No mínimo, isso sugere que essas iniciativas estão falhando em alcançar o objetivo público de Hu e, mais recentemente, de Xi de melhorar a imagem da China no exterior. Em segundo lugar, as percepções da maior influência política e econômica da China na região não parecem se traduzir em atitudes mais positivas em relação a essa influência. Na melhor das hipóteses, mais influência tem pouco efeito nas avaliações positivas/negativas dessa influência. Na pior das hipóteses, mais influência resulta em atitudes mais negativas em relação à China. Terceiro, após anos de aumento e fortalecimento de sua presença na região, os latino-americanos percebem que a influência política e econômica da China está se estabilizando.

No entanto, estas tendências gerais não devem necessariamente ser confundidas com uma abordagem hesitante da RPC. A busca da China por influência internacional ainda está em estágios iniciais e foi recentemente redefinida no outono de 2021.⁴⁵ Além disso, mais pesquisas podem ser necessárias para validar se a opinião pública positiva é necessária para que a RPC atinja objetivos regionais estratégicos; é possível que os pontos de vista das elites (decisores políticos, empresários influentes, etc.) possam ser o principal ponto de acesso para a RPC atingir os seus objetivos. Por fim, pesquisas futuras podem refinar ainda mais a correlação entre a opinião pública positiva e a influência da RPC. É concebível que a RPC valorize a conformidade acima da opinião pública, uma abordagem que geralmente espelharia a abordagem do PCC à governança nacional na China.

Ainda assim, é útil entender que a influência regional da RPC não parece ter resultado em uma onda de sentimento público a favor da RPC na América Latina. Pelo contrário, o envolvimento regional da RPC pode realmente virar a opinião pública contra a China. Se esse fenômeno se traduzir em um contrapeso da ação política por meio de processos democráticos normais, então a democracia poderá neutralizar, moldar ou limitar suficientemente a influência regional da RPC para aumentar.

Implicações para as Forças Armadas dos EUA e suas interações com nações parceiras

Conforme sugerido ao longo deste artigo, o *Soft Power* é um canal fundamental através do qual o crescente envolvimento da China com a região, embora atualmente de caráter principalmente econômico, impacta estrategicamente os EUA.

Isso inclui implicações para as forças armadas dos EUA ao conduzir operações e se envolver com nações parceiras no Hemisfério Ocidental.

No nível político, as esperanças de ganhos econômicos e melhor acesso à RPC e ao PLA tornam as nações parceiras mais abertas a trabalhar com a RPC no campo da segurança, entre outras áreas. Isso inclui o envio de pessoal à RPC para atividades de educação militar profissional (PME) e treinamento, realização de visitas institucionais a instituições homólogas do PLA, recepção de navios militares chineses para escalas nos portos, compra ou aceitação de doações de equipamentos militares e o uso de vigilância chinesa e outras tecnologias de informação dentro de instituições de segurança latino-americanas, ou em áreas públicas que as afetam.⁴⁶ Na prática, os regimes populistas autoritários da região têm se mostrado particularmente dispostos a trabalhar com o ELP no campo da segurança, compra de sistemas e treinamento, além de equipamento militar.

Tais atividades de PME e treinamento, juntamente com visitas institucionais, podem criar sensibilidades quando o pessoal que interage com os chineses também se engajou com o pessoal dos EUA ou conhece a doutrina, táticas, técnicas e procedimentos dos EUA devido à interação com seu pessoal e instituições. Tanto esses contatos quanto a incorporação de equipamentos de telecomunicações chineses nas arquiteturas das nações parceiras podem limitar os tipos de informações que os EUA podem compartilhar com seus parceiros, ou os locais ou formas de se relacionar com eles no país.

Além das questões relacionadas à inteligência, o *Soft Power* da RPC pode levar os líderes nacionais a limitar a cooperação com os EUA pelo desejo de não ofender as autoridades da RPC. Como a RPC geralmente está disposta a punir os parceiros que não aderem às preferências da RPC, os parceiros dos EUA podem estar sob pressão real para se adequarem à RPC, especialmente porque suas preferências divergem cada vez mais.

No curto e médio prazo, essa dinâmica não apenas mina gradualmente a capacidade das nações da região de fazer dos EUA o “parceiro preferido”, mas também pode afetar a capacidade dos EUA de se engajar em uma cooperação efetiva com as nações, em áreas de relevância direta para os EUA: segurança nacional incluindo a gestão de desafios de segurança regional compartilhados, como tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e outros fluxos ilícitos direcionados aos EUA, bem como atividades de grupos criminosos e terroristas, ou refugiados.

Além disso, o envolvimento do PLA com militares na região pode aumentar a capacidade do PLA de operar além das fronteiras da China, potencialmente em apoio a operações de contingência em tempo de guerra. A longo prazo, a integração militar regional substancial do PLA poderia aumentar as capacidades de coleta de inteligência da China e/ou dar à RPC opções para fabricar dilemas es-

tratégicos para os EUA. No contexto de um conflito hipotético prolongado, o ELP pode buscar alavancar os compromissos existentes com as forças de segurança latino-americanas para obter bases ou acesso logístico e desenvolver uma capacidade militar regional funcional. De qualquer forma, a atual competição pelo acesso regional pode revelar-se um jogo estratégico: à medida que os EUA perdem terreno como “parceiro preferido” na América Latina, a RPC pode ganhar opções para limitar o acesso regional crítico dos EUA no futuro.

Finalmente, as forças armadas dos EUA têm um papel a desempenhar na resposta mais ampla do governo ao engajamento e uso do *Soft Power* da RPC na região, embora o Departamento de Defesa não deva ser a agência principal em tal resposta. Ainda assim, à medida que a abordagem da China e dos militares ao *Soft Power* na região continua a evoluir, a abordagem dos EUA também deve evoluir. Não será suficiente para os militares dos EUA simplesmente duplicar as abordagens existentes ou tentar modificar as abordagens existentes para o conjunto de problemas da China. Em vez disso, os estrategistas e formuladores de políticas dos EUA devem continuar a desenvolver e adotar um conceito estratégico para combater as iniciativas de *Soft Power* do PCC e os comportamentos coercitivos na região. Em essência, uma estratégia deve ser de todo o governo, reconhecendo, como este artigo mostra, que o *Soft Power* da RPC patrocinado pelo Estado rapidamente se infiltra das arenas políticas e comerciais em questões de segurança. As atividades militares dos EUA podem ser aproveitadas para produzir efeitos em domínios mais amplos. A assistência de segurança bem-sucedida dos EUA, por exemplo, pode ajudar as nações parceiras a controlar o crime, a insegurança e a corrupção, ajudando os governos a demonstrar que a democracia, os mercados e o estado de direito podem enfrentar os desafios de seu povo, fortalecendo os estados contra influências externas problemáticas.

O envolvimento efetivo dos EUA com as forças armadas parceiras as torna defensores da continuidade desse relacionamento com os EUA, um fenômeno particularmente importante quando seus líderes políticos estão considerando ações que limitariam o envolvimento ou abririam as portas para uma maior influência da RPC. Os laços pessoais e institucionais que os militares dos EUA podem construir por meio do engajamento efetivo das nações parceiras são incomparáveis, facilitando o compartilhamento de informações e a interoperabilidade quando confrontados com desafios e ameaças de atores externos. □

Notas

1. “Exportações e Importações por Áreas e Países”, Direção de Estatísticas do Comércio do Fundo Monetário Internacional, acessado em 7 de janeiro de 2022, <https://data.imf.org/regular.aspx?key=61013712>.
2. “Plano de Ação Conjunta China - Celac para Cooperação em Áreas-Chave (2022-2024)”, Embaixada da República Popular da China na Guiana, 13 de dezembro de 2021, http://gy.china-embassy.org/eng/xwfw/202112/t20211213_10469237.htm.
3. “Texto completo do discurso do presidente Xi Jinping”, Comitê Nacional de Relações EUA-China, acessado em 7 de janeiro de 2022, <https://www.ncuscr.org/content/full-text-president-xi-jinpings-speech>.
4. Veja, por exemplo, Iain Marlow, “Por que a guerra com Taiwan seria uma grande aposta para Xi da China” (Why War With Taiwan Would Be a Huge Gamble for China’s Xi), Bloomberg, 7 de dezembro de 2021, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-12-07/why-war-with-taiwan-is-a-huge-gamble-for-china-s-xi>.
5. Ver Nye, J., 1990. “Ligado a liderar: a natureza mutável do poder americano” (Bound to lead: the changing nature of American power). Nova York: Livros Básicos; Li, Mingjiang. “China debate *Soft Power*”. Revista Chinesa de Política Internacional 2, não. 2 (2008): 287-308.
6. Li, Mingjiang. “China debate *Soft Power*” (China debate *Soft Power*). Jornal Chinês de Política Internacional 2, no. 2 (2008): 289; Yang, Chunzhang and Liu, Jifeng. “Lun Junshi Ruanshili – Binglun yu Guojia Wenhua Ruanshili de Guanxi.” Imprensa da Academia de Ciências Militares (Academy of Military Sciences Press). (2008).
7. Patrik Jacar. “Institutos Confúcio: O crescimento do controverso ramo cultural da China” (Confucius Institutes: The growth of China’s controversial cultural branch). BBC, 7 de setembro de 2019. <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-china-49511231>
8. Liu, Mingfu. “Xin Shidai Zhongguo Qiangjun Meng: Jianshe Shijie Yiliu Jundui.” Imprensa da Escola do Partido Central (Central Party School Press). (2020): 147.
9. “Guojia Zhili Yanjiu Lungang” Imprensa Popular (Peoples Press). (2021): 48.
10. Xi, Jinping. “Construir um poder cultural socialista e focar na melhoria do *Soft Power* cultural do país” (Build a Socialist Cultural Power and Focus on Improving the Country’s Cultural *Soft Power*). Rede Membro do Partido Comunista (2013). <https://news.12371.cn/2013/12/31/ARTI1388504955461547.shtml>; Veja também Xi, Jinping “Aumentar o *Soft Power* Cultural da China” (Enhance China’s Cultural *Soft Power*) Qiushi: December 30, 2013.
11. Xi, Jinping “Construir um poder cultural socialista e focar na melhoria do *Soft Power* cultural do país”. Rede Membro do Partido Comunista (2013). <https://news.12371.cn/2013/12/31/ARTI1388504955461547.shtml>.
12. Joseph S. Nye Jr., “*Soft Power*: os meios para o sucesso na política mundial” (*Soft Power*: The Means To Success In World Politics). (New York: Public Affairs, 2004).
13. Hanson, Fergus; Currey, Emilia; Beattie, Tracy. “A Diplomacia Coercitiva do Partido Comunista Chinês” (The Chinese Communist Party’s Coercive Diplomacy). Relatório de resumo da política (Policy Brief Report) No. 36/2020, Instituto Australiano de Política Estratégica (Australian Strategic Policy Institute) (2020).
14. “Xi Jinping pede uma imagem mais ‘adorável’ para a China na tentativa de fazer amigos” (Xi Jinping calls for more ‘lovable’ imagine for China in bid to make friends). BBC, 2 de junho de 2021. <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-china-57327177>.

15. Xi, Jinping “Fortalecendo e melhorando o trabalho de comunicação internacional para demonstrar uma China verdadeira, tridimensional e abrangente” (Strengthening and Improving International Communication Work to Demonstrate a True, Three-Dimensional and Comprehensive China). Rede de Membros do Partido Comunista. (2021). <https://www.12371.cn/2021/06/01/ARTI1622531133725536.shtml>.

16. Veja, por exemplo, “A evolução do *Soft Power* chinês na América Latina” (The Evolution of Chinese *Soft Power* in Latin America), em “*Soft Power* com características chinesas” (*Soft Power* with Chinese Characteristics), Kingsley Edney, Stan Rosen, and Ying Zhu, Eds. Milton Park, England: Routledge. (2020).

17. Ryan Hamilton, “Trinidad e Tobago tomará empréstimo chinês para comprar vacinas chinesas” (Trinidad and Tobago to take Chinese loan to buy Chinese vaccines). *Newsday*, May 11, 2021.

18. Fernando Villavicencio, “Ecuador. Feito na china” (Ecuador. Made in China). Quito: Instituto Interamericano para a Democracia. (2013).

19. A RPC às vezes traduz isso para o inglês como a “Iniciativa do Cinturão e Rota”. OBOR é uma tradução mais precisa do termo chinês. Além disso, em chinês, o OBOR é frequentemente referido como uma “estratégia nacional” e raramente, ou nunca, referido como uma “iniciativa”.

20. Jeffrey Wilson, “A Austrália mostra ao mundo como é a dissociação da China” (Australia Shows the World What Decoupling From China Looks Like). *Foreign Policy*, 9 de novembro de 2021. <https://foreignpolicy.com/2021/11/09/australia-china-decoupling-trade-sanctions-coronavirus-geopolitics/>.

21. “Brasil já fala em aumentar suas exportações para o gigante asiático” (Brasil ya Habla de Aumentar Sus Exportaciones Al Gigante Asiatico). *Clarín*, 4 de julho de 2010. https://www.clarin.com/ediciones-antiores/china-suspendio-compras-aceite-meses_0_HkygipIR6tl.html.

22. Brian Hioe, “Guiana reverte o curso no escritório de representação após a pressão chinesa” (Guyana Reverses Course on Representative Office After Chinese PRESSURE). *New Bloom Magazine*, 5 de fevereiro de 2021. <https://newbloommag.net/2021/02/05/guyana-reversal-office-tw/>.

23. Xi, Jinping “Fortalecendo e melhorando o trabalho de comunicação internacional para demonstrar uma China verdadeira, tridimensional e abrangente”. Rede de Membros do Partido Comunista. (2021). <https://www.12371.cn/2021/06/01/ARTI1622531133725536.shtml>.

24. Evan Ellis, “Avanços chineses no Chile” (Chinese Advances in Chile). *Global Americans*, March 2, 2021, <https://theglobalamericans.org/2021/03/chinese-advances-in-chile/>.

25. R. Evan Ellis, “Envolvimento da China com a República Dominicana—Uma atualização” (Chinese Engagement with the Dominican Republic – An Update). *Global Americans*, 7 de maio de 2021. <https://theglobalamericans.org/2021/05/chinese-engagement-in-the-dominican-republic-an-update/>.

26. Zhuang Pinghui, “Os Institutos Confúcio da China são renomeados após as filas de propaganda no exterior” (China’s Confucius Institutes rebrand after overseas propaganda rows). *South China Morning Post*, 4 de julho de 2020. <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3091837/chinas-confucius-institutes-rebrand-after-overseas-propaganda>.

27. Carlos Roa, “Os Estados Unidos estão perdendo a América Latina para a China” (The United States is Losing Latin America to China). *The National Interest*. 15 de agosto de 2019. <https://nationalinterest.org/feature/united-states-losing-latin-america-china-73906?page=0por ciento2C1>.

28. “CHINA - PLANO DE AÇÃO CONJUNTA CELAC PARA COOPERAÇÃO EM ÁREAS-CHAVE” (CHINA - CELAC JOINT ACTION PLAN FOR COOPERATION IN KEY AREAS) (2022-2024). Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China, 7 de dezembro de 2021. https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zzjg_663340/ldmzs_664952/xwlb_664954/202112/t20211207_10463459.html.

29. Wang Chao, “Chave da diplomacia de pessoa para pessoa para contar a história da China” (People-to-people diplomacy key to tell China’s story). *China Daily*, 31 de dezembro de 2019. <https://global.chinadaily.com.cn/a/201912/31/WS5e0a8451a310cf3e3558193d.html>.

30. Xi, Jinping “Fortalecendo e Melhorando o Trabalho de Comunicação Internacional para Demonstrar uma China Verdadeira, Tridimensional e Abrangente”. Rede de Membros do Partido Comunista (2021). <https://www.12371.cn/2021/06/01/ARTI1622531133725536.shtml>.

31. Linda Zhang and Ryan Berg, “Fortalecer e melhorar o trabalho de comunicação internacional para demonstrar uma China verdadeira, tridimensional e abrangente”. Rede de Membros do Partido Comunista (2021). <https://jamestown.org/program/an-overlooked-source-of-chinese-influence-in-latin-america/>.

32. María Catalina Micolta, “Comunicação da China com o Público da América Latina”, Fundação Andres Bello, 23 de setembro de 2020. <https://fundacionandresbello.org/en/research/chinas-communication-with-a-latin-american-audience/>.

33. Veja, por exemplo, “A vacina Sinopharm da China chega à Bolívia”. CGTN, 25 de fevereiro de 2021. https://www.youtube.com/watch?v=vd2vUDT_Mpk.

34. Ver R. Evan Ellis, “Uma corrida contra o tempo: implantando vacinas e abordando os impactos desproporcionais do Covid-19 na América Latina e no Caribe” (A Race Against Time: Deploying Vaccines and Addressing the Disproportionate Impacts of Covid-19 in Latin America and the Caribbean). Testemunho perante o Subcomitê da Câmara dos Representantes dos EUA sobre o Hemisfério Ocidental, Segurança Civil, Migração e Política Econômica Internacional. 13 de maio de 2021. <https://docs.house.gov/meetings/FA/FA07/20210513/112612/HHRG-117-FA07-Wstate-EllisPhDR-20210513.pdf>.

35. Wilson Lima, “China pressiona por demissão de Ernesto Araújo para liberar insumos das vacinas”. *Gazeta do Povo*, 21 de janeiro de 2021. <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/china-pressiona-demissao-ernesto-araujo-vacinas-covid/>.

36. Luiz Fernando Toledo, “Brasileiros confiam menos em vacina da China do que na de outros países”. *CNN Brasil*, 16 de outubro de 2020. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/10/16/pesquisa-rejeicao-a-vacina-chinesa-e-maior-nobrasil-do-que-em-outros-paises>, acessado em 25 de outubro de 2020.

37. “Conferência de imprensa regular do porta-voz do Ministério das Relações Exteriores Wang Wenbin em 6 de janeiro de 2022”, Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China. https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/xwfw_665399/s2510_665401/2511_665403/202201/t20220106_10479487.html.

38. “Conferência de imprensa regular do porta-voz do Ministério das Relações Exteriores Wang Wenbin em 6 de janeiro de 2022”. Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China. https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/xwfw_665399/s2510_665401/2511_665403/202201/t20220106_10479487.html.

39. A versão em inglês das pré-guntas específicas formuladas é a seguinte: “El gobierno de China. En su opinión, ¿es muy confiable, algo confiable, poco confiable, no confiable o no tiene opinión?”

40. As diferentes métricas usadas para avaliar o *Soft Power* em 2014 e 2021 decorrem de diferenças nas perguntas listadas nas duas ondas de pesquisas LAPOP. A onda de 2014 pediu aos entrevistados que classificassem se a influência chinesa era positiva ou negativa. Especificamente, esta pergunta foi: “Em geral, a influência que a China tem em nosso país é muito positiva, positiva, negativa ou muito negativa”? A onda de 2021 pediu aos entrevistados que classificassem se a influência política chinesa era positiva ou negativa e se a influência econômica chinesa era positiva ou negativa. As versões em inglês dessas perguntas são: “E pensando na China e na influência que ela tem na política/economia de [inserir país]. Você acha que essa influência é positiva, nem positiva nem negativa, nem negativa?”

41. Além da pergunta de política usada para construir a Figura 2, esta figura também relata as respostas à seguinte pergunta: “Quanta influência você diria que a China tem na política de [inserir país]”?

42. Além da questão econômica usada para construir a Figura 2, esta figura também relata as respostas para a seguinte pergunta: “Quanta influência você diria que a China tem na economia de [inserir país]”?

43. A versão em inglês da pergunta específica feita é: “Você diria que nos últimos 12 meses a influência [política/econômica] da China aumentou, permaneceu a mesma ou diminuiu?” É importante notar que essa pergunta em particular foi feita apenas em seis países selecionados da região, todos considerados nas figuras mostradas.

44. “Relações Exteriores: Confiabilidade do Governo Chinês (mil10a)”, LA-POP, versão 3, 23 de junho de 2021. <https://public.tableau.com/app/profile/lapop.central/viz/LAPOPV3/Combination?publish=sí>.

45. Xi, Jinping “Fortalecer e melhorar o trabalho de comunicação internacional para demonstrar uma China verdadeira, tridimensional e abrangente.” Rede de Membros do Partido Comunista (2021). <https://www.12371.cn/2021/06/01/ARTI1622531133725536.shtml>.

46. Veja, por ejemplo, R. Evan Ellis, “A evolução do engajamento de segurança chinês na América Latina”, *As interações da China com a América Latina e o Caribe: conquistando o quintal estratégico dos EUA?* Nele Noesselt, Ed., Baden-Baden, Alemanha: Techtum-Verlag, enero de 2021, pp. 9-32.



Dr. R. Evan Ellis, PhD

Dr. R. Evan Ellis é professor de pesquisa da América Latina no Instituto de Estudos Estratégicos da Escola de Guerra do Exército dos EUA, com foco na China e outros atores extra-hemisféricos da região, crime organizado transnacional e populismo. Dr. Ellis é doutor em Política Comparada pela Purdue University.



Dra. Kelly Senters Piazza, PhD
Academia da Força Aérea dos EUA

A Dra. Kelly Piazza é Professora Assistente de Ciência Política na Academia da Força Aérea dos EUA. Dra. Piazza é doutora em Ciência Política pela Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. Seus interesses de pesquisa incluem democracia, descentralização, gênero e competição estratégica na América Latina.



Mayor Adam Greer, USAF

O Maj. Adam Greer é Adido Aéreo Assistente na China e possui mestrado em Estudos Asiáticos pela Escola de Serviço Estrangeiro da Universidade de Georgetown. Seus interesses de pesquisa incluem estudos de segurança do Indo-Pacífico e política doméstica da RPC.



General (Aposentado) Daniel Uribe, PhD, USAF

O General (aposentado)/Dr. Daniel Uribe trabalha como consultor do Centro de Línguas e Cultura da Força Aérea em questões relacionadas ao Comando Sul dos EUA. O Dr. Uribe é doutor em Tecnologia Educacional pela Arizona State University. Seus interesses de pesquisa incluem linguagem, educação intercultural e pesquisa no contexto latino-americano.